

CULTURA E PODER EM ROMA: O MODELO DA ANTIGUIDADE TARDIA

Cláudio Umpierre Carlan

Lalaine Rabelo

RESUMO

O artigo começa com uma descrição da História Romana no século IV: período no qual Valentiniano I, inicia uma série de reformas. Analisamos as questões políticas relativas ao mundo romano durante o período. Enfatiza-se nessa discussão, a importância do uso de uma variedade de fontes: iconográficas, arqueológicas e textuais.

PALAVRAS-CHAVE

Moeda, império, poder.

ABSTRACT

This paper aims at studying a specific moment of Roman History: the period immediately prior to Valentinian I rule of the Empire. Scholars are usually mostly interested in social and economic aspects, relegating to a secondary role the raw material and even the ideological concerns, so important.

KEY-WORDS

Coins, empire, power.

INTRODUÇÃO: MOEDA POLÍTICA E PROPAGANDA

A propaganda em Roma estava intimamente ligada às cunhagens monetárias. As moedas não apenas são instrumentos importantes para estabelecer a datação dos documentos que chegaram até nós sem seu contexto original, como são de grande valia na compreensão dessas mensagens simbólicas descritas no *corpo* das amoedações.

Com frequência, o tipo monetário de reverso (conhecido por nós como *coroa*) mostra determinada estátua, representando uma divindade (*Virtude, Júpiter, Hércules*, a própria cidade de Roma, a *VRBS...*), uma construção (campo militar, portões de uma fortaleza), o exército (dois legionários montando guarda), cenas de batalha (imperador derrotando seus inimigos), casamentos, uniões dinásticas, tentativa de legitimar um determinado poder. Podendo vir acompanhado de legendas que podem identificar, ou não, a imagem.

Já nos anversos monetários (*cara*), trás em destaque o busto do imperador diademado (com diadema imperial), laureado (coroa de louros) ou encouraçado (com armadura, couraça, uniformes militares). A perfeição dos detalhes nos mostra a importância e o cuidado do artesão em confeccionar essas imagens.

Em um mundo, no qual, não existiam meios de informação comparáveis aos nossos, o analfabetismo se estendia a numerosas camadas da população. A moeda é um objeto palpável, objeto que abre todas as portas e proporciona bem estar. Nela pode-se contemplar a efígie do soberano, enquanto os reversos mostram suas virtudes e a prosperidade da época: *Felicitas Temporum, Restitutio Orbis, Victoria e Pax Avgvsta...*são slogans, propaganda.¹

A moeda, como documento, pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, militar, religioso, mitológico, estéticos, artístico.

O desenvolvimento do retrato individual é geralmente considerado como uma das principais realizações da arte romana. Esse ponto de vista é talvez um tanto paradoxal, já que os artistas que produziram a maioria dos retratos conservados eram, de fato, gregos. Mas trabalhavam sob patrocínio de romanos abastados e a sua obra é uma resposta as necessidades romanas e um reflexo dos gostos dessa sociedade.

A característica distintiva desse estilo de retrato é um extremo realismo, com particular realce para os aspectos pouco atraentes dos indivíduos representados. As origens desse estilo *verista* são difíceis de determinar, mas não há dúvida que agradava

muito aos romanos, que gostavam de se ver como um povo forte, honesto e nada fantasioso. Essa característica foi utilizada nas cunhagens monetárias.

O artista, nesse caso o artesão, tem a tendência de interpretar o que foi gravado. Com o desenvolvimento do colecionismo do século XVIII, as escavações em Herculano e Pompéia (Winckemann já dizia que a sociedade perfeita, a clássica, tinha de ser imitada), o gosto pela Antigüidade, o aumento do material disponível nos museus, ajudaram na criação das primeiras sociedades numismáticas do século XIX².

Algo mais que um meio de comunicação, ou de exposição dos grandes mistérios da mitologia, religião, poder. A revolução da imagem como meio de propaganda inicia outros caminhos. A exposição pública passa ser contemplada em salões e museus. Sendo a moeda um objeto fabricado pela mão do homem, o metal utilizado para fabricação das peças, como também as gravuras e legendas, traz a luz a História Política e das Artes. Já a circulação monetária, auxiliada por um trabalho metodológico de conhecimento das técnicas de análise, são de ajuda fundamental para o estudo da História Econômica.

O Império Romano no Século IV

Com a morte do Imperador Alexandre Severo, assassinado por seus soldados no ano de 235, tem início em Roma um período conhecido como a crise do século III. A crise atinge todos os níveis do Império; político, social e econômico, produzindo uma forte pressão dos povos considerados *bárbaro*³.

Houve um primeiro momento, chamado de Anarquia Militar (235 – 268), em os imperadores eram nomeados por seus soldados, sendo assassinados logo depois. Alguns chegaram a governar poucos dias. As legiões nomeavam seus generais como imperadores, na esperança de receber uma recompensa. Na época, não existia Exército Nacional, como hoje. Cada legião, cada exército era fiel ao seu comandante. Quando o comandante não fazia o prometido era assassinado por seus soldados. Segundo relatos da época, alguns imperadores eram nomeados pela manhã e assassinados a noite⁴.

A outra fase é dos Imperadores Ilírios (268 – 284), foi caracterizada por um grupo de governantes, originários da Ilíria (atual Europa Oriental, perto da Albânia). Na tentativa de resolver os problemas socioeconômicos criados durante a Anarquia Militar, eles tentaram realizar uma série de reformas.

Porém, coube a Diocleciano (244 – 311), iniciar um dos programas de reformas mais importantes da História Romana, com o advento da restauração do Império. O Estado foi transformado em uma monarquia absoluta, em que o imperador possuía a autoridade máxima, baseada na escravidão, na servidão dos camponeses livres, na burocracia estatal e no exército. Como modelo, Diocleciano copiou as monarquias orientais, nas quais tudo o que cercava o rei era considerado sagrado.

O novo imperador instala uma *diarquia* (governo de dois) ao lado de Maximiano (285/286-305), amigo pessoal e colega de armas.

O sistema de diarquia é ampliado para *tetrarquia*. Para evitar futuras revoltas, escolhe elementos da mesma origem e camada social: Galério (305-311), seu adjunto, guardara gado nos Cárpatos; Maximiano antigo colega de armas; Constâncio Cloro ajudante de armas de Maximiano. Eles e seus sucessores escolheram auxiliares de passado idêntico.

Os tetrarcas tentavam demonstrar à população que os tempos do *Principado*⁵, ou seja, do apogeu do Império, estavam de volta. Não apenas uma nova ordem, mas o retorno à antiga. Num período de crises e revoltas, a união e amizade entre os governantes eram fundamentais para estabilidade de Roma. Foram realizadas uma série de monumentos, no qual essa união é evidente. Essas obras serviam como uma espécie de propaganda política da época



(Referência Cláudio Umpierre Carlan, agosto de 2007)

Representação dos tetrarcas, na praça de São Marcos, Veneza, Itália. Escultura feita em pórfiro, saqueada de um palácio bizantino (atual Istambul, Turquia) por mercadores venezianos, em 1204. Durante muito tempo acreditava-se tratar de cavaleiros medievais.

Aliado a esses fatos, ocorre uma inversão do eixo político. Roma passou para um segundo plano após a oficialização das novas capitais: Aquilea e Tréveres (Trier, atual Alemanha), no ocidente, Sírmio e Nicomédia (Iznit, atual Turquia) no oriente.

O ano 305 marcou o final da primeira tetrarquia com a renúncia dos *Augusti* Diocleciano e Maximiano. Dessa forma, os dois *césares* ascenderam à categoria de *Augustus*, e dois oficiais ilírios foram nomeados seus auxiliares¹. A segunda tetrarquia ficou formada com: Constâncio Cloro e Severo II (ou Severo Augusto), no ocidente; Galério e Maximino Daia (ou Daza), sobrinho de Galério, no oriente.

Na imagem a seguir, podemos identificar uma homenagem aos vinte anos de governo de Diocleciano.



(Acervo do Museu Histórico Nacional / Rio de Janeiro. Foto Cláudio Umpierre Carlan, 2005).

Legendas:

Anverso: IMP DIOCLETIANVS PF AVG

Reverso: SEM LEGENDAS \ VOT X X \ H

Descrição: Moeda de bronze cunhada durante o período da tetrarquia. Esse *aes*, do tamanho da nossa moeda de 0,10 centavos, serviu de modelo para a reforma monetária de Diocleciano. Cunhada entre os anos de 304 e 305, na cidade de Heracleia. O *aes* foi a primeira identificação monetária em Roma, utilizada para pagamento do soldo militar durante a República (509 a.C – 27 a.C.).

Anverso: (cara), notamos o busto radiado de Diocleciano, com a legenda identificando o título imperial: *Imperator Diocletianus Pather Felix Augustus*.

Reverso: (coroa), moeda votiva ou laudatória. Os votos de 20 anos de governos, circundados por uma coroa de louros, uma homenagem a festa *Vicennalia*, festividade

de 20 anos de um governo. Segundo Lactânncio, retórico cristão do século IV, Diocleciano foi o primeiro imperador a realizar essa cerimônia⁶. Seria bom ressaltar que poucos imperadores romanos conseguiram chegar aos 20 anos de governo. Nessas cunhagens, não são utilizadas legendas. No Exergo, H, referente a casa monetária de Heracleia, localizada ao sul da Península Itália, na Magana Grécia (atual Sicília).

Sucessão e Guerra Civil

O grande problema criado por essa ordem de sucessão era a situação dos filhos, legítimos ou não, dos governantes. Constantino, filho de Constâncio Cloro e Helena, (mais tarde Santa Helena), e Maxêncio (filho de Maximiano) não aceitaram ser afastados do poder. O próprio Maximiano não aceitou o afastamento, retornando, em 306, ao cenário político. Iniciando assim uma nova guerra civil.

Apesar da mediação de Diocleciano, ao final de 310, a situação estava ainda mais confusa, com 7 imperadores: Constantino, Galério, Maximiano, Maxêncio, Maximino, Licínio (introduzido na disputa por Diocleciano), e Domicio Alexandre (auto proclamado *Augustus*, na África). Aos poucos, começam a desaparecer alguns candidatos: Domicio é assassinado por ordem de Maxêncio, Galério morreu de causas naturais e Maximiano se *suicidou* devido a pressões políticas de Constantino.

Depois da morte de Galério em 311, quatro imperadores disputam o poder: Constantino, Maximino Daia, Maxêncio e Licínio. A guerra entre eles torna-se inevitável. Licínio e Maximino se enfrentavam no Oriente, enquanto Constantino e Maxêncio, no Ocidente. Em um primeiro momento, Licínio e Maximino fizeram um acordo. Em 313, Licínio casa-se com a meia-irmã de Constantino, Flávia Júlia Constantina, com quem teve um filho, Licínio II. Por razões políticas, volta-se contra Maximino Daia, derrotando-o no mesmo ano. Maximino foi condenado a morte. Assim sendo, o Oriente voltou a ter um único senhor.

Com a derrota e morte de Maxêncio em 312, na ponte Mílvia, uma nova aliança é estabelecida entre Constantino e Licínio. Após alguns enfrentamentos iniciais, firmaram a paz em Sérдика, no ano de 317. Durante esse período, ambos nomearam novos *césares*, segundo as suas conveniências, membros da sua família, independentemente da idade. Em 325, Licínio e o filho, Licínio II, é condenado a morte por Constantino, que volta a reunificar o império.



Foto: Cláudio Umpierre Carlan, agosto de 2007.

Arco de Constantino ou Arco Triunfal de Constantino, em Roma, foi construído próximo ao Coliseu. Foi erigido para comemorar a vitória de Constantino sobre Maxêncio na Batalha da Ponte Mílvia, em 312. A batalha está representada no lado direito do arco. Essas construções eram comuns no Império romano, principalmente após uma importante vitória militar.

Durante todo o seu reinado, Constantino dedicou-se a reformar profundamente o Império. Modificou a composição do senado, cujo conselho estava composto por 600 membros, aumentando para 2000 magistrados. Outra inovação foi a reforma da prefeitura do pretório: os comandantes da guarda imperial se converteram em altos funcionários provinciais, dotados de amplos poderes civis, responsáveis de manter a ordem pública e as finanças.

Apesar de não retornar à antiga forma de governo de que seu pai fez parte, Constantino limitou-se, dois anos antes de sua morte, a partilhar o governo dos territórios em cinco partes: três, as maiores, seriam entregues a seus três filhos; as outras duas, a três de seus sobrinhos. Ou seja: coube ao filho mais velho, Constantino II, a Bretanha, a Gália e a Espanha; Constâncio II ficou com a rica parte oriental do Império que, desde 333, governava como César em Antioquia; o mais jovem, Constante, ficou com a Itália, a África e a Panônia. Os primos Flávio Júlio, Dalmácio e Anibaliano ficaram, respectivamente, com os Bálcãs e a Ásia Menor.

O cristianismo desde de ser uma religião de perseguidos, tornando-se uma religião de perseguidores. Principalmente após a suposta conversão do Imperador.

Funari define essa suposta conversão de Constantino como um jogo político. Segundo o autor:

Assim o imperador Constantino concedeu aos cristãos, por meio do chamado Edito de Milão, em 313, liberdade de culto. Em seguida, esse mesmo imperador, procurou tirar vantagem e interveio nas questões internas que dividiam os próprios cristãos e convocou um concílio, uma assembléia da qual participavam os principais padres cristãos. Nos Concílios foram discutidas as diretrizes básicas da doutrina cristã. Depois Constantino cuidou pessoalmente para que as determinações do concílio fossem respeitadas, ou seja, passou a ter um controle muito maior dos cristãos e suas idéias. Antes de morrer, o imperador resolveu batizar-se também.⁷

No campo econômico, com o intuito de controlar a inflação, Constantino criou uma nova moeda de ouro, *solidus*, diminuindo o peso do aureus (antiga moeda de ouro). Essa moeda teve a primeira cunhagem em 310 e conseguiu estabilizar rapidamente o sistema monetário. O *solidus* circulava só entre a elite política-econômica, e não entre as classes mais baixas, que continuavam utilizando moedas de bronze, cobre ou prata, que eventualmente, sofriam as devidas desvalorizações.

Em 324, é cunhado o *miliarensis*, de prata, que poderia chegar ao valor de 1/12 do *solidus aureus*. Quanto à massa em circulação, é constituída por espécies de cobre e bronze, de peso variável.

Constantino apoderou-se dos tesouros do antigo rival, Licínio, mas, dois anos mais tarde, a maior parte das casas monetárias, fundadas por Diocleciano, era fechada. Em 332, graças ao confisco dos bens dos templos pagãos, foi possível reabri-las.

Na administração, ocorreram alterações significativas nas funções. O ministro do tesouro real, o *rationalis*, cedeu lugar ao *conde das liberalidades sagradas*; e o *procurator rei privatae* passou a ser chamado *conde dos bens privados*, na organização dos bens e da fortuna do príncipe para que revertessem as rendas do *ager publicus*, dos domínios confiscados, das terras municipais e os recursos dos templos.

Depois da morte de Constantino em 337, o massacre de seus familiares, a morte de Constantino II (317 – 340) e Constante (320 – 350), o Império retorna às mãos de um único senhor, Constâncio II (317 - 361), responsável pelo reinado mais longo do século IV, após Constantino.

Os problemas administrativos e a questão sucessória levam Constâncio a nomear seu primo, Constâncio Galo como *César*. A instabilidade de Galo, e as intrigas palacianas levam Galo a ser executado sob a acusação de traição. Seu irmão, Juliano, é chamado à presença de Constâncio em Mediolanum (Milão). Em 355, foi nomeado César da parte ocidental do império e casou com a irmã do imperador, Helena. Nos anos seguintes, lutou contra as tribos germânicas que tentavam entrar em território do

império. Nesta luta, distinguiu-se como estrategista, administrador e legislador. Recuperou Colonia Agripina (Colônia, Alemanha) em 356, derrotando os alamanos (em Argentoratum, na Batalha de Estrasburgo, França / Alemanha) assegurando a fronteira do Reno por outros cinquenta anos.

Em 360, Constâncio II lhe ordenou transferir suas tropas da Gália, comandadas por Juliano, para o exército do leste. Tanto Juliano, quanto seus soldados, não gostaram da atitude de Constâncio, o que provocou uma insurreição que fez com que as tropas da Gália, proclamassem Juliano, *Augustus* e novo imperador. Não houve uma luta propriamente dita entre Constâncio e Juliano. Constâncio II morreu de peste (peste bubônica), quando se deslocava para a Gália. As próprias legiões de Constâncio reconheceram Juliano como único imperador⁸.

Durante a luta contra os persas sassânidas, Juliano sofreu um ferimento mortal por uma flecha ou lança. Libânio, filósofo neo platônico e ex-professor de Juliano, escreveu que o imperador foi assassinado por um soldado cristão de seu próprio exército, embora essa acusação não fosse corroborada por Amiano Marcelino⁹, militar e historiador romano do século IV, ou outro historiador contemporâneo. Seu sucessor, Joviano, governou apenas oito meses.

Valentiniano: uma nova dinastia ?

Valentiniano I (321 – 375), antigo comandante militar durante o governo de Juliano e Joviano, foi proclamado imperador pelo exército de Nicéia. Instalou-se em *Mediolanum* (Milão) e associou-se ao seu irmão Valente. Desenvolveu eficaz atividade bélica contra os alamanos aos quais expulsou da Gália.

Considerado por alguns como um dos últimos imperadores de importância do Ocidente romano, Valentiniano tornou-se oficial da cavalaria em 357 d.C. e lá permaneceu até o ano de 365 d.C. Foi afastado de seu posto mas Joviano o chamou de volta para que comandasse um regimento da guarda real. Logo depois da morte de Joviano, em 25 de fevereiro de 364, Valentiniano foi proclamado imperador.

Dentre suas primeiras atitudes está a divisão do Império entre Oriente e Ocidente, sendo que permanecera no Ocidente enquanto seu irmão Valente assumiu o Oriente¹⁰. Sua prioridade era a defesa das fronteiras já que o Império passava por

constantes invasões bárbaras. No entanto, devemos destacar que o exército romano possuía contingentes não romanos, bárbaros, desfazendo assim a concepção negativa que temos deles como povos violentos, invasores e totalmente responsáveis pela decadência do Império.

Valentiniano era católico, porém tolerava os pagãos e a maioria dos heréticos e só intervinha na política da Igreja quando necessário para manter a ordem pública. Podemos confirmar isso através de representações em moedas da época na qual, observamos juntos, símbolos pagãos e cristãos. Assim percebemos que não houve despreendimento total da religião pagã e seus símbolos, e que na administração deste Imperador houvera tolerância quanto outras religiões que não fosse a cristã.

Segundo Carlan, em consequência das constantes guerras, o Império Romano entra em dificuldades financeiras¹¹. Assim, o Imperador começa a exigir o pagamento em ouro das contribuições e taxas devidas ao Estado e a concessão em três prestações para o imposto da anona ou seja, imposto direto em espécie arrecadado nas províncias. Além de restabelecer o controle estatal sobre as minas cuja a exploração Constantino tornara livre. E ainda, procede o confisco em massa dos bens privados e só deixa às cidades, um terço dos seus rendimentos. De acordo com Símaco, chega até a emitir moedas falsas¹².

Em 375 d.C. , Valentiniano deixou a Gália para comandar represálias contra invasores na Panônia, sua terra natal. Em 17 de novembro sofreu um ataque apoplético e veio a falecer.

Embora sujeito a ataques de raiva, foi um bom administrador, consciencioso, que suspeitava dos seus agentes e tentava, com sucesso limitado, controlar os abusos e excessos de taxaço.

As relações com a aristocracia senatorial ficaram tensas e os cargos da corte foram ocupados por burocratas. Os consulados passaram para comandantes – em - chefe e até os generais de fronteira passaram a ter acesso ao nível senatorial¹³.

Com essas afirmações podemos notar que apesar de ter sido um imperador enérgico, muitas vezes duro, era ponderado em suas decisões talvez para manter um certo nível de estabilidade. Afinal, o Império do Ocidente passava por transtornos ocasionados pelas invasões bárbaras e pela crise em geral - política, econômica e social. Durante o tempo em que esteve no poder, o Império do Ocidente viveu um relativo período de tranquilidade, algo que era de certa forma surpreendente pelos fatores já citados anteriormente.

Nas poucas passagens encontradas sobre o período em que Valentiniano esteve no poder, autores como Gibbon e Amiano Marcelino, assinalam o caráter enérgico do Imperador

em questão porém destacam que a boa administração do mesmo, manteve o império em relativa estabilidade.

Como medida inicial, Valentiniano dividiu o poder com seu irmão, Valente. Ele governando o ocidente e Valente o oriente. Nesse período, foi cunhado um medalhão que descreve esse fato¹⁴ :



COHEN, Henry. *Description Historique des Monnaies. Frappés Sous L'Empire Romain. Communément Appelées Médailles Impériales. Deuxième Edition. Tome Septième e Huitième. Paris: Rollin e Feuardent, Éditeurs, 1880-1892, p. 199.*

Legendas

Anverso: R ES ROMA NO R VM

Reverso: GLORI A ROMA ... R V M N

Exergo: A N (medalhão cunhado na casa de Antioquia, em 371)

Descrição: Trata-se de um medalhão de ouro, com banho de prata.

Anverso: No anverso podemos observar os bustos dos Imperadores Valentiniano I e Valente, ambos encouraçados e diademados. Diadema este, que é símbolo da autoridade e da realeza.

Valentiniano governava o Ocidente enquanto Valente tomou posse do Oriente, por isso na representação ambos estão abraçados simbolizando a união entre Ocidente e Oriente.

Reverso: No reverso podemos observar o Imperador montado em um cavalo. Nesse caso, o cavalo é símbolo do triunfo e de força, e esse simbolismo é muito conveniente

aos propósitos do Imperador, pois era preciso mostrar uma imagem de vitória, de conquistas. E ainda, segundo Chevalier:

as estátuas ou retratos equestres glorificam um chefe vitorioso; são um símbolo de seu triunfo e de sua glória: assim como ele doma sua montaria, dominou as forças adversas¹⁵

Provavelmente este medalhão foi cunhado no início do governo dos dois imperadores, com objetivo de passar uma imagem de triunfo e de Glória – algo que traz um certo entusiasmo - para a população, afinal, o Império passava por algumas dificuldades.

A presença de uma auréola em volta de sua cabeça, mostra o elo entre o Imperador e o cristianismo além de sua divindade. A imagem que aparece em sua frente provavelmente seja de uma divindade de outra religião que não a cristã. Em geral, a representação mostra, provavelmente a luta do Imperador contra outra religião. Por outro lado, devemos lembrar que Valentiniano era tolerante quanto a outras ceitas, que não fosse a cristã. Enquanto que, seu irmão, Valente, cristão ariano, tinha algumas atitudes mais radicais.

No entanto, a representação de uma mulher torreada – na antiguidade as cidades eram representadas como mulheres – assim, também podemos concluir que seja a representação da cidade de Roma ou outra que estivesse em situação difícil. Provavelmente, a própria cidade de Antioquia, local de cunhagem do medalhão. Como identificamos na siglas AN, no exergo.



Museu de Berlim, site <http://www.smb.museum/ikmk/index.php?lang=en>[1]

Descrição

Anverso: DN VALENTINI ANVS PF AV

Reverso: RESTITVTOR REIPUBLICAE

Exergo: ANTI (moeda cunhada na casa de Antioquia, ano 370)

Descrição: Trata-se de uma moeda de ouro (*solidus constantinianus*)¹⁶ que circulou até o século X, na Península Ibérica.

Anverso - Apresenta o busto do Imperador encouraçado e diademado, símbolo do poder e da autoridade. DN, *dominus* (senhor), começou a surgir nas legendas monetárias durante o governo de Constantino I. O imperador deixava de ser *princeps*, primeiro cidadão, torna-se *dominus*.

Reverso - Apresenta a Vitória coroando o Imperador, com um estandarte, o *vexillum*; que representa força e autoridade suprema, na mão direita com o sinal de Constantino PX (junto), iniciais da palavra Cristo em grego (Crismon ou Quirô).

No anverso e no reverso, o Imperador Valentiniano I é representado encouraçado. Segundo Chevalier:

O escudo é o símbolo da arma passiva, defensiva protetora, embora às vezes possa ser mortal¹⁷

Há ainda a representação da deusa Vitória (ou Niké) coroando o Imperador com um ornamento de louros, que simbolizam a imortalidade - pois permanece verde até mesmo durante o inverno, assim os romanos o fizeram, emblema da glória - esta deusa representa a vitória, e é a responsável por entregá-la.

Além do símbolo de Constantino com as iniciais da palavra Cristo, observamos também a representação da cruz, significando assim que o Império agora era cristão. Porém, com a presença da deusa Vitória percebemos que não houve desprendimento total da religião pagã e seus símbolos, denotando assim uma lenta passagem e adoção do cristianismo.

Os símbolos do cristianismo e do paganismo conviviam em harmonia, mostrando também que o Imperador era tolerante quanto às crenças pagãs e cristãs.

Por fim, devemos salientar o jogo de quadris do Imperador, que significa a ligação entre os dois mundos, o terreno e o divino, o natural e sobrenatural.

Acrescentamos ainda que nesse período o Império estava de certa forma estabilizado afinal, Constantino já haviam estabelecido a sucessão pela família, seguindo os critérios dinásticos. No século IV, identificamos 3 dinastias no império romana: a constantiniana, valentiniana e teodosiana.

CONCLUSÃO

Diocleciano trouxe grandes benefícios ao Império, pois instituiu uma reforma profunda. Constantino, por sua vez, continuou, completou e consolidou as obras de seu antecessor. Segundo Lemerle, é até difícil distinguir o que se deve a cada um deles. Foi Diocleciano quem fez do Imperador um personagem sagrado, uma divindade. Dentre outras mudanças promovidas por ele, podemos destacar também a instituição do absolutismo monárquico, a centralização administrativa, além da diminuição da influência do Senado que deixou de ter qualquer papel efetivo.

Lemerle salienta que:

...todos tiveram que dedicar o pouco que a benevolência que as legiões lhe dava a correr de uma fronteira a outra, tapando as maiores brechas por onde a onda de bárbaros inundava o Império...¹⁸.

O autor acrescenta que essa situação só é contida no governo de Diocleciano (285-305 d.C.). Com relação a esse governo, destaca:

para que se veja uma vontade de ferro conter a decadência do Império e tirar, por uma reforma corajosa, as lições de quase um século de desordens.¹⁹

Desta forma percebemos o motivo pelo qual Diocleciano permaneceu por tanto tempo no poder – vinte anos.

No ocidente, Valentiniano I foi sucedido por seus filhos Graciano e Valentiniano II, que na ocasião estavam com 16 e 4 anos. Ambos foram controlados, reciprocamente, por seus conselheiros, mas Valentiniano II foi controlado também por sua mãe, Justina.

Esses governos não foram suficientemente fortes, e o usurpador Magno Maximo assassinou Graciano em Lion (França) e instalou sua corte em Trêveres (Trier, Alemanha), esperando o reconhecimento de seu poder por parte de Teodósio, que governava o oriente desde 379.

Durante o ano de 387, Teodósio derrota Máximo, restabelecendo Valentiniano II no poder. Um ano depois, Valentiniano II, filho de Valentiniano I, suicida-se²⁰. Com isso, Teodósio unifica o império novamente e pela última vez.

Morreu na cidade de Milão, em janeiro de 395. Foi o último imperador que, graças a sua habilidade pessoal e sua força de caráter, exerceu um controle sobre o Império Romano. Deixou o poder nas mãos de seus filhos Arcádio (377 ou 378 – 408), em Constantinopla, e Honório (387 – 423), em Milão. Apesar de nenhum dos dois terem a personalidade ou o carisma do pai, a sucessão transcorreu sem resistência.

Agradecimentos

Aos colegas Leandro Hecko e Katia Teonia, pela oportunidade de trocarmos ideias; a Pedro Paulo Funari, Margarida Maria de Carvalho, Ciro Flamarion Cardoso, Maria Regina Cândido, Maria Beatriz Florenzano, André Leonardo Chevitarese, Vera Lúcia Tostes, Rejane Vieira, Eliane Rose Nery.

A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

Fontes Numismáticas

Moedas dos Imperadores Diocleciano e Valentiniano I. Acervo do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, Medalheiro 3, gaveta 19, lâmina 3, fotografadas em março de 2006.

Catálogos

CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.

COHEN, Henry. *Description Historique des Monnaies. Frappés Sous L'Empire Romain*. Communément Appelées Médailles Impériales. Deuxième Edition. Tome Septième e Huitième. Paris: Rollin e Feuardent, Éditeurs, 1880-1892.

THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983.

BIBLIOGRAFIA

- CAMERON, Averil. *El Bajo Império Romano (284-430)*. Traducción Pablo Carbajosa y Inmaculada Utande. Madrid: Ediciones Encuentro S.A., 2001.
- ERRINGTON, R. Malcoln. *Roman Imperial Policy from Julian to Theodosius*. Chapel Hill: The University North Carolina Press, 2006.
- HERNÁNDEZ DE LA FUENTE, David. (Edited by). *New Perspectives on Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2011.
- GOLDSWORTHY, Adrian. *La caída del Império Romano. El ocaso de Occidente*. Traducción Teresa Martín Lorenzo. Madrid: Las esferas de los libros, 2009.
- GOLDSWORTHY, Adrian. *El Ejército Romano*. Traducción Teresa Martín Lorenzo. Madrid: Las esferas de los libros, 2007.
- IGLESIAS GIL, José Manuel. SANTOS YANGUAS, Juan. *Vademecum para la Epigrafía y Numismática Latinas*. 1a. Edición. Santander, 2002.
- KELLY, Christopher. *Ruling the Later Romain Empire*. Havard: Harvard University Press, 2004.
- MILLAR, Fergus. *The Emperor in the Roman World 31 BC - AD 337*. London: Gerald Duckworth & CO.Ltd, 1977.
- MITCHELL, Stephen. *A History of Later Romain Empire (284 - 641)*. Malden: Blackwell Publishing, 2007.
- WARD-PERKINS, Bryan. *La Caída de Roma y el Fin de la Civilización*. Traducción de Manuel Cuesta y David Hernández de la Fuente. Madrid: ESPASA, 2007.
- TEJA, Ramón. *El Cristianismo Primitivo en la Sociedad Romana*. Colección la Historia en sus textos. Madrid: Ediciones Istmo, 2011.

NOTAS

¹ ROLDÁN HERVÁS, J. M. *Introducción a la Historia Antigua*. Madrid: Ediciones Istmo, 1975, p. 166.

² Johann Joachim Winckelmann (1717 – 1768), arqueólogo e historiador da arte prussiano, nascido em Stendal, na Saxônia. Precursor das escavações em Herculano e Pompeia, publicou em 1764 *História da Arte Antiga*

³ Usaremos o conceito tradicional para definir os povos germânicos, ou bárbaros: eram povos que, segundo os gregos e romanos, não falavam o latim ou o grego, e viviam fora das fronteiras (limes) do Império.

⁴ FONTES HISPANIAE ANTIQUAE. *Hispania Antigua según Pomponio Mela, Plínio el Viejo y Cláudio Ptolomeo*. Dirigidas por A.Schulten y J. Maluquer de Motes. División y Ciencias Humanas y Sociales. Universidad de Barcelona, 1987, p. 167.

⁵ O Principado tem início com o governo de Otávio Augusto em 27 a. C., considerado como o apogeu do Império Romano.

⁶ LACTÂNCIO. *De Mortibus Persecutorum*. Paris: Ed. J. Moreau, 1954, p. 105.

-
- ⁷ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma: vida pública e vida privada*. Cultura, pensamento e mitologia, amor e sexualidade. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002, p.131.
- ⁸ CARVALHO, Margarida Maria de. *Paideia e Retórica no século IV d.C. A construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 87.
- ⁹ AMMIANO MARCELLINO. *Historia (Rerum Gestarum Libri)*. Edición de María Luisa Harto Trujillo. Madrid: Akal, 2002.
- ¹⁰ No ano de 395, Teodósio I oficializa a divisão final do Império Romano, entre seus filhos Honório (Ocidente) e Arcádio (Oriente).
- ¹¹ CARLAN, Cláudio Umpierre. *Coins and power in Rome: political ideology in the 4th century*. IN: HERNANDEZ DE LA FUENTE, David. In: *News Perspectives on Late Antiquity*.1 ed. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2011, v.1, p. 153.
- ¹² SYMMACHI praefectivrbii libri II. De Ambrosii Epistolae in Symmachum. Epistolarum Magni turci ad varias gentes liber unus, a Laudino Equite Hierosolymitano latine redditus. Basiliae: Froben, 1546, p. 246.
- ¹³ FONTES HISPANIAE ANTIQUAE. *Hispania Antigua según Pomponio Mela, Plínio el Viejo y Cláudio Ptolomeo*. Dirigidas por A.Schulten y J. Maluquer de Motes. División y Ciencias Humanas y Sociales. Universidad de Barcelona, 1987, p. 103.
- ¹⁴ COHEN, Henry. *Description Historique des Monnaies Frappées Sous L'Empire Romain*. Communément Appelées Médailles Impériales. Deuxième Edition. Tome e Huitième. Paris: Rollin e Feuardent, Éditeurs, 1880-1892, p. 210.
- ¹⁵ CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994, p.211.
- ¹⁶ THE ROMAN IMPERIAL COINAGE. Edited by Harold Mattingly, C.H.V. Sutherland, R.A.G. Carson. V. VIII. London : Spink and Sons Ltda, 1983, p. 175.
- ¹⁷ CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994, p. 388.
- ¹⁸ LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 53.
- ¹⁹ LENERLE, Paul. *História de Bizâncio*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 56.
- ²⁰ Existem controvérsias sobre o suicídio de Valentiniano II. Acreditasse que foi enforcado por ordem do seu tutor, Arbogasto, general de origem franca.